

JOSÉ MILHAZES

CUNHAL, BREJNEV  
E O 25 DE ABRIL

COMO A UNIÃO SOVIÉTICA NÃO QUIS  
A REVOLUÇÃO SOCIALISTA EM PORTUGAL





## ÍNDICE

Prefácio .....	9
1. Amizade atribulada .....	11
2. A revolução inesperada .....	27
3. Álvaro Cunhal = Lenine, Mário Soares = Kerenski? ..	53
4. Canais de financiamento da «revolução mundial» em Portugal .....	111
5. Preparação de quadros .....	127
6. Escola para os «filhos da clandestinidade» .....	135
Conclusão: Relações de camaradagem ou submissão? ..	151
Notas .....	163
Bibliografia .....	179
Índice de nomes .....	183
Apêndice documental .....	193



## CAPÍTULO 1

# AMIZADE ATRIBULADA



---

Brejnev e Álvaro Cunhal em Moscovo, 1982.  
© GettyImages.

A abordagem das relações entre a União Soviética e Portugal após o 25 de Abril de 1974 não pode ser realizada sem uma análise pormenorizada e profunda das relações entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista Português, pois esta última força política era uma das principais (ou mesmo a principal) corrente de realização da política externa soviética em relação a Portugal, ao lado da Embaixada da URSS em Lisboa e da ampla rede de espionagem do KGB.

Não obstante todas as juras por parte dos comunistas portugueses de que o seu partido era uma força política nacional e independente, o movimento comunista internacional estava organizado de forma a ser dirigido pelo «irmão mais velho»: o Partido Comunista da União Soviética.

Claro que o PCP podia discordar da política soviética, como fizeram outros partidos comunistas, por exemplo o francês, italiano, ou espanhol, sem recear perder apoios financeiros e outros, mas tal nunca aconteceu. A obediência total a Moscovo, princi-

palmente na era em que o PCP teve como seu secretário-geral Álvaro Cunhal (1961-1992), é a melhor fórmula para caracterizar as relações entre as duas forças políticas.

Mais: mesmo nos casos mais polémicos, como por exemplo a invasão da Checoslováquia pelas tropas do Tratado de Varsóvia, em 1968, ou o envio de tropas soviéticas para o Afeganistão, em 1979, Moscovo não necessitava de enviar instruções para o PCP, pois o «internacionalismo proletário» e a «solidariedade» bastavam para justificar as maiores barbáries da política externa soviética.

Frequentemente, o Partido Comunista Português era «mais papista do que o Papa», ou, como se dizia na URSS em tom irónico, «era mais vermelho do que os muros vermelhos do Kremlin de Moscovo», centro do poder na «pátria do socialismo».

O tipo de relações existentes entre esses dois partidos comunistas no período que pretendemos analisar está bem ilustrado num texto de Lev Stepanov, conhecido jornalista soviético que trabalhou vários anos na redacção da revista *Problemas da Paz e do Socialismo*<sup>1</sup>: «Para nós, a tarefa principal e determinante era o “reforço da unidade do movimento comunista internacional”. Na realidade isso significava, antes de mais, a recolha constante, mês a mês, de assinaturas por debaixo de textos dos partidos comunistas do mundo, que, de diferentes maneiras, deveriam soar a juramento de fidelidade a Moscovo. A maioria das vezes, isso era fácil. No início da minha vida em Praga, em 1972, quando ainda me encontrava sob a influência de algumas concepções românticas adquiridas na escola, fiquei simplesmente espantado com o meu êxito produtivo, com a facilidade com que consegui, no Luxemburgo, a assinatura do presidente do Partido

Comunista desse país, Dominique Urbani, por debaixo do “seu” artigo, escrito por mim e traduzido na nossa redacção para francês. O “autor” marcou comigo um encontro numa taberna, onde o assinou sem ler a minha obra. O mesmo se repetiu mais tarde, apenas com mínimas excepções à regra geral, com dirigentes comunistas na Áustria, Dinamarca e Noruega.

Porém, semelhante coisa não era aceite por dirigentes de partidos mais independentes ou que já eram totalmente incontroláveis. Por isso, era impossível impingir textos escritos aos espanhóis, italianos e franceses. Com o tempo, o “mau exemplo” começou a tornar-se cada vez mais contagioso. Em 1976, eu apareci em Lisboa com um “projecto de artigo” pormenorizadamente preparado de Álvaro Cunhal e, para minha surpresa, fui corrido. Verdade seja dita, a obra criada por ele e enviada à redacção uma semana mais tarde, em nada diferia do meu “projecto”, nem quanto ao espírito, nem quanto ao conteúdo.»<sup>2</sup>

O Partido Comunista Português foi criado a 6 de Março de 1921 sob a influência da vitória bolchevique num golpe de Estado na Rússia, ocorrido a 7 de Novembro/25 de Outubro de 1917<sup>3</sup>. Ao contrário do que aconteceu com muitos outros países comunistas, o PCP não surgiu de uma cisão no interior do Partido Socialista, mas formou-se na base de organizações anarco-sindicalistas.

A situação periférica de Portugal e a pouca capacidade de intervenção dos comunistas portugueses, em parte devido ao facto de viverem na clandestinidade, num país com um forte aparelho repressivo, contribuíram para que a Internacional Comunista (Komintern)<sup>4</sup> desse muito pouco significado ao PCP, concentrando as suas atenções em partidos comunistas como

os da Alemanha ou França. Afinal, os clássicos do marxismo-leninismo profetizavam que esses e outros países capitalistas desenvolvidos estavam mais próximos da transição revolucionária para o socialismo do que, por exemplo, Portugal ou a Grécia.

Além disso, as constantes lutas internas e as infiltrações de agentes da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE) levaram a que a Internacional Comunista (IC) expulsasse o PCP do seu seio e ordenasse a sua dissolução. A 3 de Setembro de 1938, a IC, na pessoa do seu secretário-geral, Gueorgui Dimitrov<sup>5</sup>, justificava essa decisão com o facto de «no PC de Portugal continuar o estado de provocação corrosiva e de fraccionismo»<sup>6</sup>.

Após essa ruptura entre o PCP e a IC, os dirigentes comunistas portugueses tentaram insistentemente entrar em contacto com Moscovo. Entre 1938 e 1947, os contactos eram esporadicamente realizados através do PC de Espanha, mais precisamente através de Santiago Carillo<sup>7</sup>, do PC de França ou dos Estados Unidos da América<sup>8</sup>. Por exemplo, o *Panorama do Estado do Movimento Comunista Internacional* publicou, a 1 de Maio de 1944, um resumo das resoluções do III Congresso do PCP, realizado nos finais de 1943 no Monte do Estoril<sup>9</sup>. No dia 1 de Dezembro de 1946, o *Boletim do Bureau de Informação do CC do Partido Comunista da Rússia (bolchevique) – (PCRb)* publicava um resumo dos trabalhos do IV Congresso do PCP, realizado nesse mesmo ano na Lousã. Segundo esse documento, o relatório político teria sido apresentado por «Duarte, um dos mais importantes dirigentes do partido»<sup>10</sup>.

A mais séria tentativa para reatar as relações entre o PCP e o Partido Comunista da Rússia (bolchevique) foi empreendida com êxito por Álvaro Cunhal em 1947, com o apoio do Parti-

do Comunista da Jugoslávia. Em Novembro desse ano, Álvaro Cunhal sai clandestinamente de Portugal rumo a Belgrado, de onde, em Janeiro do ano seguinte, dirige uma carta ao PCR(b).

Nessa mensagem, o dirigente comunista português informa que o seu partido o encarregou das seguintes tarefas fundamentais: «a) estabelecer contacto com o movimento operário internacional; b) comunicar a alguns partidos irmãos informações sobre a situação em Portugal; c) conseguir que, a partir de agora, no estrangeiro seja conhecida a situação política em Portugal; d) receber informação sobre a situação internacional...»<sup>11</sup>.

Juntamente com essa missiva, Álvaro Cunhal enviou para Moscovo outros documentos importantes: «Informações sobre a actividade dos comunistas portugueses que estiveram na URSS» e «Informações sobre comunistas portugueses que estiveram na URSS e traíram».

No primeiro documento, o dirigente comunista revela a atitude de alguns mais activos militantes comunistas face à «reorganização» do partido. Entre os apoiantes são citados os nomes de José Gregório<sup>12</sup>, o próprio Álvaro Cunhal, Francisco Miguel<sup>13</sup>, Manuel Domingues<sup>14</sup>, Gilberto Oliveira<sup>15</sup>, Manuel Alpedrinha<sup>16</sup>, Viola<sup>17</sup>, Wagner Russel<sup>18</sup> e Manuel Roque Júnior<sup>19</sup>.

No segundo documento, Duarte/Cunhal inumera os «traidores»: «José de Sousa<sup>20</sup>, Magalhães<sup>21</sup>, Carolina Loff<sup>22</sup>, Búzio<sup>23</sup>, Fernando Quirino<sup>24</sup> e Francisco Paula de Oliveira<sup>25</sup>».

Álvaro Cunhal é finalmente autorizado a ir a Moscovo em Fevereiro de 1948, de onde, enquanto espera por audiência, escreve mais uma carta à direcção comunista soviética. Depois de transmitir uma «saudação fraternal ao Partido Bolchevique e ao nosso querido dirigente e mestre, camarada Estaline», repete os

objectivos da sua visita, nomeadamente «o PCP transmitirá ao PCR toda a informação indispensável sobre a situação em Portugal e a actividade do PCP [...]. O nosso partido quer também saber a opinião do PCR sobre a orientação, actividade e tarefas do PCP»<sup>26</sup>. No fundo, Cunhal tenta conseguir dos dirigentes soviéticos a legitimação para o seu partido.

No dia 6 do mesmo mês, o dirigente comunista português é recebido por um funcionário do Comité Central (CC) do PCR e, no dia 12, Cunhal entra, finalmente, no gabinete de Mikhail Suslov, então secretário do CC do PCR<sup>27</sup>. A partir desse encontro, o principal ideólogo comunista soviético passa a ser o mestre do dirigente comunista português.

As relações entre o PCP e o Partido Comunista da União Soviética – como passou a chamar-se o PCR depois de 1952 – sofreram um forte impulso depois da fuga de Álvaro Cunhal de Peniche, em 1960, e da sua ida para Moscovo, onde foi recebido como um verdadeiro herói.

O dissidente comunista português Francisco Ferreira, mais conhecido como Chico da Cuf, escreveu sobre esse período: «Após a sua chegada a Moscovo, Cunhal tornou-se vedeta no cenário soviético. Apareceu, diversas vezes, na TV da União Soviética.

Na altura Cunhal era amigo íntimo de Alexei Adjudei, genro de Nikita Kruschov, redactor-chefe do *Izvestia*; de Mikhail Kharlamov, sobrinho de Kruschov, presidente da Rádio e da TV da URSS; de Yulia Petrova, neta de Kruschov, “observadora” da agência Nóvosti.

Outros do clã Kruschov, miúdos e graúdos, que ocupavam, então, altos cargos, eram amigos de Cunhal e Cunhal amigo

deles. Apoiado nessas relações, o bacharel português impunha a sua vontade<sup>28</sup>...»

Este militante antifascista, que viveu longos anos na URSS e conheceu o dirigente comunista português de perto, escreve com evidente ironia: «Yulia Petrova, neta do pretendido liquidador do culto da personalidade e de fenómenos negativos relacionados com esse “culto”, publicou, em folheto, uma entrevista com Álvaro Cunhal.

A “Observadora” da “Nóvosti” revela que Cunhal esteve na URSS em 1935 (o que é verdade). Esse folheto, intitulado “Hastes sem bandeiras”, foi publicado pela editora do *Pravda* e contém uma série de disparates sobre a situação portuguesa de então.

Diz que o general português Humberto Delgado fugiu do país, que Militão Ribeiro se suicidou por não querer comer na Penitenciária, enaltecendo a figura de Álvaro Cunhal: “homem admirável que tão só com a sua presença e a sua voz provoca um torvelinho de sensações”... (textual).

“Vejo Portugal através do homem que está sentado ao meu lado” – sublinha a neta de Kruschov. – “Agora já conheço Portugal: para mim Portugal e Álvaro Cunhal fundem-se num todo único; sempre verei esse país longínquo através da sua vida, da sua voz e do seu rosto”.

Assim foi liquidado o culto da personalidade na União Soviética<sup>29</sup>...»

Foi precisamente o livrinho *Hastes sem Bandeiras*, publicado em russo com uma tiragem de 112 400 exemplares, que transformou Álvaro Cunhal num dos maiores heróis do movimento comunista internacional da segunda metade do século xx. Um dos episódios centrais deste folheto: a espectacular fuga

da prisão de Peniche, em Janeiro de 1960, contribuiu também para o aumento da sua popularidade e prestígio junto da direcção soviética.

Aos heróis dessa acção foram dedicados vários livros e numerosos artigos na imprensa soviética, sendo de destacar o livro de Naum Mar, *Liudi kak Skali* [Pessoas como rochedos], publicado em 1967.

A partir daí, qualquer livro publicado sobre Portugal na URSS devia conter pelo menos uma citação das obras de Álvaro Cunhal, quase todas traduzidas para russo: *Rumo à Vitória: As Tarefas do Partido na Revolução Democrática e Nacional*, *A Questão Agrária em Portugal*, *O Radicalismo Pequeno-Burguês de Fachada Socialista*, *O Partido com Paredes de Vidro*, etc.

Segundo a neta de Kruschov assinalou com exactidão, o PCP é Álvaro Cunhal e vice-versa. O dirigente comunista é descrito como um líder salvo, por intervenção de forças desconhecidas, quase por milagre. Se, nessa altura, a URSS não fosse assolada por mais uma violenta campanha anti-religiosa, talvez Yulia Petrova escrevesse que ele foi salvo por anjos-da-guarda: «Durante uma manifestação em Lisboa, a polícia e os fascistas cortaram uma rua: aí deviam entrar os manifestantes. Assobio dos cassetes, o barulho seco dos golpes nas cabeças, gritos, empurrões. Prendiam todos sem excepção. Algumas pessoas desconhecidas abriram caminho até Cunhal e os seus camaradas, cercaram-nos, começaram lentamente a afastar-se dos golpes na direcção da cerca de um parque. O rosto estava encoberto por umas costas largas, um pescoço roxo de tensão, e, à frente dessas costas, agitava-se intermitentemente o braço do polícia seguramente agarrado pelo cotovelo, e o cassetete avançava em frente: atingir,

atingir através desse enorme ombro, chegar ao alvo, mas o ombro não deixava. Das mandíbulas rosnantes saíam palavrões sem sentido, os olhos saltavam das órbitas, nesses momentos matam simplesmente devido a raiva impotente. As costas empurravam Cunhal para a cerca, costas desconhecidas, mas seguras, de um camarada, enquanto o cassetete se mexia impotente, até que caiu, enfraquecendo definitivamente...

Uns braços ajudaram Cunhal a saltar a cerca. Do outro lado da cerca também todos eram desconhecidos. Uma mão feminina compôs-lhe a gravata, alguém lhe deu um cigarro, depois cercaram-no novamente e levaram-no rapidamente para a saída. O sol suave, através das folhas, fazia uma sombra no caminho. Nos bancos havia sombras húmidas. A rua ficava para trás cada vez mais silenciosa. Pessoas sentaram Cunhal num automóvel e afastaram-no daquele lugar. Não se sabe quem eram, elas não participavam na manifestação, elas não conheciam Cunhal e este também não as conhecia. Mas o sentido de camaradagem nasceu e, se nasceu, jamais morre nas pessoas simples, honestas<sup>30</sup>...»

De forma talvez inocente, Yulia Petrova revela facilidades que o regime de Salazar concedia aos presos políticos portugueses e com os quais os reclusos dos campos de concentração soviéticos nem sequer podiam sonhar. Não se tratava de receber livros, mas de receber livros em várias línguas estrangeiras: «Finalmente, Cunhal começou a receber livros. Ele lia tudo: na língua pátria, em espanhol, francês, italiano, inglês. Pediu autorização para receber livros numa língua eslava qualquer. O chefe da prisão autorizou. O chefe da segurança que controlava a entrada dos livros era um funcionário analfabeto e obediente. E embora em Portugal fosse proibido tudo o que era russo, foi

possível, graças à estupidez do guarda, receber livros eslavos: dois volumes de *Guerra e Paz*, contos de Tchekhov, um manual de língua russa para estrangeiros. Um ano depois (Cunhal pronunciou calmamente a palavra “ano”), enviaram mais um livro russo, mas ele foi parar às mãos do director da prisão e todos os livros russos foram retirados a Álvaro Cunhal<sup>31</sup>.»

Alguns dissidentes soviéticos aproveitaram-se desse trecho para comparar as ditaduras em Portugal e na União Soviética. Num apelo lançado ao povo português no «Verão quente» de 1975, o sacerdote ortodoxo Gleb Iakunin e o teólogo Lev Reguelson escreveram: «Quando lemos um livro político do vosso líder comunista Cunhal, a quem, na prisão de Salazar, facultavam materiais para a sua escrita, pensamos com perplexidade e ironia azeda: se ele chama “fascismo” a essa ordem, liberal segundo os nossos padrões, então onde encontrar na linguagem humana palavras para descrever dignamente a nossa realidade<sup>32</sup>.»

O prestígio dos comunistas portugueses no Kremlin era tão grande que, se não tivesse sido a intervenção operativa de Álvaro Cunhal, em 1963, o Partido Comunista da União Soviética teria reconhecido como legítimo representante do povo angolano o governo de Holden Roberto, dirigente da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), rival do MPLA.

Piotr Evsiukov, então alto funcionário da Secção Internacional do CC do PCUS, recorda o seguinte episódio: «Nikita Sergueevitch Krutchov, encontrando-se a descansar na Crimeia e depois de tomar contacto com a informação, indignado com o facto de a União Soviética ainda não ter até aí reconhecido o governo de Holden Roberto, deu ordem, com a confusão e a resolução que lhe eram inerentes, para preparar o reconheci-

mento. Sem o consentimento da Secção Internacional do Comité Central [do PCUS], o projecto foi preparado e o Governo tomou a decisão.»

Isto era particularmente grave, porque o dirigente do MPLA, nessa altura, encontrava-se em Moscovo e, segundo Evsiukov, «Chevliaguin, vice-chefe da Secção Internacional [do PCUS], foi encarregado de comunicar de forma “cómoda” essa decisão a Agostinho Neto.

Até ao fim da conversa – recorda Evsiukov –, a conversa era favorável a Agostinho Neto, todos os pedidos foram satisfeitos... A conversa estava a chegar ao seu termo quando o vice-chefe comunicou que o Governo Soviético estudava a questão do possível reconhecimento do Governo Provisório de Holden Roberto. Traduzi, palavra a palavra, a declaração de Chevliaguin. Para Agostinho Neto, que não esperava semelhante final de conversa, a declaração soou como uma condenação à morte. Fez-se uma pausa e desnorreamento total. As palavras finais de Chevliaguin com vista a amortecer o golpe já não fizeram qualquer sentido.

No caminho para o hotel, pensava febrilmente como salvar a situação. Eu sabia bem quem era Holden Roberto e tinha ainda mais consciência de que tínhamos cometido um erro ao trair os nossos amigos, para os quais éramos o principal apoio... O único homem capaz de emendar a situação era o secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal. O prestígio deste homem era bastante grande e, nessa altura, ele residia no hotel do Comité Central, situado na Travessa Plotnikov, na Arbat.»

A fim de tentar salvar a situação, Evsiukov decidiu organizar um encontro de Agostinho Neto com Álvaro Cunhal.

«Restava-me ir para casa e esperar resultados. No dia seguinte, tal como nos dias posteriores, não foram publicadas no *Pravda* [órgão escrito do Comité Central do PCUS], e nem poderiam ser, informações sobre o reconhecimento por nós do Governo Provisório. Álvaro Cunhal, durante a noite, desenvolveu um trabalho decisivo, não podiam deixar de ter em conta a sua opinião. No *Pravda* foi publicado outro artigo, do então meu chefe directo, Veniamin Vladimirovitch Midtsev, com um conteúdo tão oposto que da embaixada dos Estados Unidos telefonaram para o Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) [da URSS] para saber “quem era o seu autor”<sup>33</sup>.»

A importância do PCP para o PCUS residia igualmente no facto de o primeiro apoiar incondicionalmente a política interna e externa soviética, política que começava a ter cada vez mais críticos no movimento comunista internacional. Tanto mais que os dirigentes comunistas portugueses mudavam rapidamente de trincheira aquando das lutas no interior da direcção soviética.

Não obstante os laços de amizade que ligavam Cunhal à família de Nikita Kruschov, o dirigente do PCP aderiu imediatamente ao campo dos vencedores na luta nos corredores do Kremlin. Quando Kruschov foi afastado do poder em 1964, Cunhal continuou a manter excelentes relações com Brejnev, Suslov, Ponomariov e outros camaradas soviéticos que tinham derrubado o seu líder através de um golpe palaciano, violando as regras mais elementares previstas nos estatutos do PCUS.

Além disso, como já foi dito antes, o Partido Comunista Português, ao contrário de outros congéneres como o francês ou o italiano, não condenou a invasão da Checoslováquia por tropas da URSS e do Pacto de Varsóvia, em 1968, nem o golpe militar

na Polónia em 1980. Cunhal era um apoiante incondicional da doutrina da «soberania limitada», exposta por Brejnev, em Novembro de 1968.

Ao discursar no V Congresso do Partido Operário Unido da Polónia, o dirigente soviético definiu assim a sua doutrina: «É bem sabido que a União Soviética fez muito para o reforço real da soberania, da independência dos países socialistas. O PCUS defendeu sempre que cada país socialista determina as formas concretas do seu desenvolvimento pela via do socialismo, tendo em conta a especificidade das suas condições nacionais. Mas é sabido, camaradas, que existem também leis comuns da edificação socialista, e o afastamento em relação a elas poderia conduzir ao afastamento em relação ao socialismo como tal. E quando forças internas e externas, inimigas do socialismo, tentam virar o desenvolvimento de qualquer país socialista no sentido da restauração das ordens capitalistas, quando surge uma ameaça à causa do socialismo nesse país, uma ameaça à segurança da comunidade socialista em geral, isso já se torna não um problema do povo desse país, mas um problema comum, uma preocupação de todos os países<sup>34</sup>.»

Na realidade, a doutrina da «soberania limitada» também se aplicava aos partidos comunistas e operários que se encontravam na órbita soviética.

